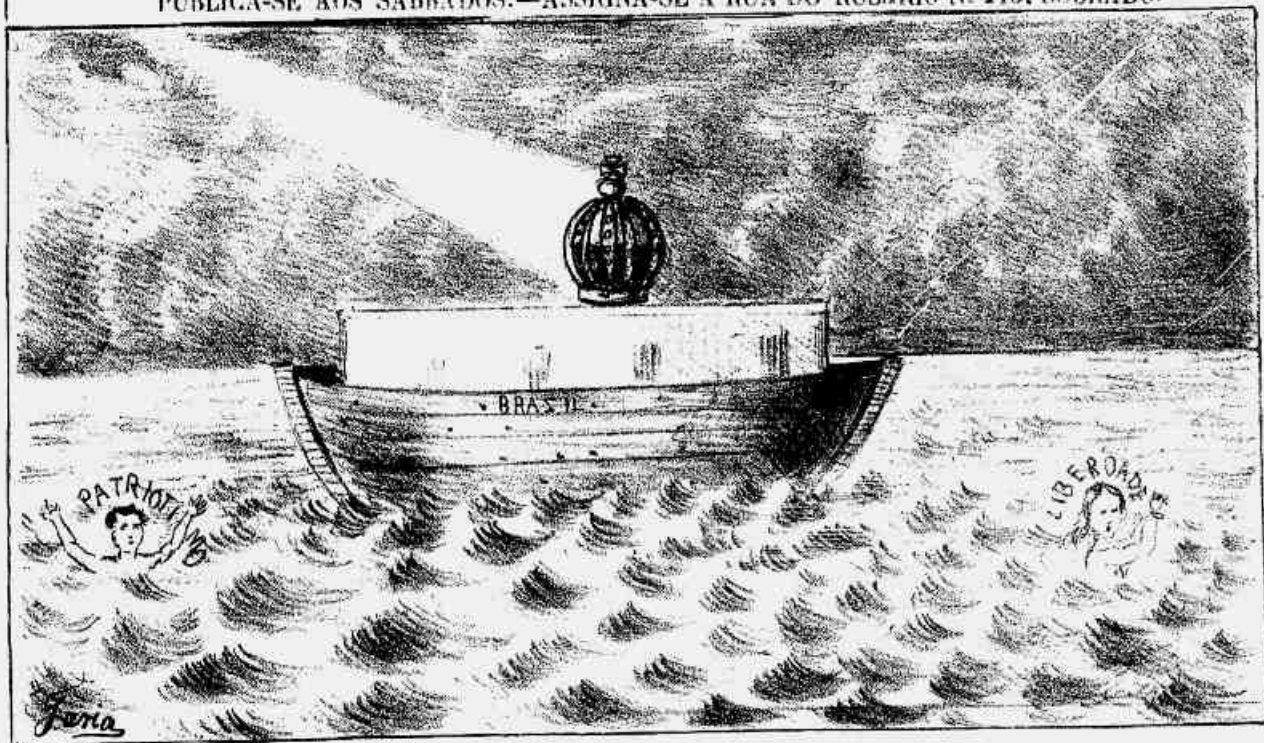




CORTE		N. 29. ANNO I.	PROVINCÍAS	
Um anno	14\$000		Um anno	14\$000
Seis mezes	7\$000		Seis mezes	7\$000
Tres mezes	3\$500		Avulso	300

PUBLICA-SE AOS SABBADOS.—ASSIGNA-SE A RUA DO ROSARIO N. 116, SOBRADO.



Statu quo do Brasil.

Cahiu um hórrido diluvio. Abrirão-se as cataractas do céu e choverá raios, coriscos, miserias e males. Tudo submergiu-se, e até o patriotismo e a liberdade. Sobrenada a arca da aliança: o Imperador. Sêde, Pedro II, o Noé dos brasileiros!

A PACOTILHA

Rio, 27 de Outubro de 1866.

A *Pacotilha* vai entrar em um terreno mais lato que aquelle, onde até agora ia caminhando. O desejo de lavar um solo novo, de semear grãos uberrimos, de vê-los germinar, esfolhar, produzir fructos sazonados, é um desejo de nobres aspirações, e tão nobres que cada premissa, como cada idéa, dá vislumbres de um tempo que ha de vir cheio de venturas.

Mais estudo a todos os ramos da arte, mais estudo às questões sobre a decadencia dos theatros, sobre os ramos de industria e commercio, analyse rapida e estudo succincto, synthese lata e funda e resenha fugitiva, mais um dicto espirituoso, mais uma graciosidade, um desenho à *deux crayons*, *tres quarts* de um personagem, o *perfil* de um typo, um *chromo* de vez em quando, *grimaces*, *portraits* e eis, o que a *Pacotilha* vai fazer. A musica e a pintura, a esculptura e os melhoramentos typographicos, a agricultura e os officios, tudo terá sua vez e seu estudo.

Cada idéa que abrilhanta-se e cresce, é um triumpho para a humanidade que vive. Protejão-nos os leitores, e a unica folha illustrada brasileira, desta côrte, prosperará brotando esperanças e plantando ambições nobres, taes como a perfectibilidade do espirito humano.

NOVIDADES DA SEMANA.

Para o Sul partirão diversos contingentes de voluntarios e guardas nacionaes. Em defesa de uma idéa, em nome de uma patria que nos é estremecidamente cara, vão uns e outros derramar seu sangue, deixando quem sabe se no abandono, e na miseria filhos e pais, mãis, irmães, doces penhores que nos affectão o coração e nos são ligados pelo sangue e pelo sentimento.

O historiador da campanha actual ha de registrar muito heroísmo, muita abnegação da parte do povo, desse povo que ama o seu torrão, o seu monarcha e as suas instituições. Mas, tambem ha de dizer muito erro, muito desmando, muita miseria, quasi impossiveis. Assim é tudo.



O dever nos manda publicar um facto digno de apreço. Por occasião de partir para a fortaleza o contingente de guardas nacionaes destinado à campanha, o tenente-coronel Tavares Guerra com a officialidade do batalhão offereceu-se a conduzir os defensores da patria, dispensando assim a guarda que se costuma levar, como se soldados brasileiros affrouxassem o animo porque tem perigos a arrostar.



O beneficio do Vasques esteve immensamente Vasques. Como haviamos dito, o theatro chegou às *travessas*. Enchente real, applausos como terra, moças e flôres como nunca.



Propala-se por ahi que o *Actor* ha de *fazer furor*. Ora *fazer furor* é agradar, e o que agrada é bom, logo o *Actor*...

Por ora nada diremos senão que temos esperanças, porque Furtado Coelho deve necessariamente exhibir artefacto de mui bom quilate, do contrario prejudica a si proprio.



Nada mais. A respeito do lixo da cidade...silencio.

ROMANCETE.

Os pestiços.

(Continuação.)

Como disse, o Dr. Paulo e João Paulino vão para uma janella onde enramão uma conversação, que mais de uma hora foi bastante para terminal-a.

Por mais que me virasse porém, que andasse e pusesse em actividade todos os meus cinco sentidos, nada pude perceber do que elles dizião.

Fallavão baixinho como dous ladrões que concordão no molde da gasua que tem de ser protectora de um grande roubo.

A julgarmos do character dos circumstantes, cousa boa era um impossivel intrinseco tratar-se.

A honra ou a vida privada de alguém passava por sobre aquellas lingoas ainda não calejadas por a maldecencia, e por a mentira.

E desgrazadamente em nossa sociedade existem muitos destes typos que escondem debaixo de uma casaca preta corações empeçonhados por a hediondez do crime.

Desses homens que nos apertão a mão, talvez um só ou nenhum seja fiel aos dictames prescriptos por uma amizade sincera.

A infamia, a intriga e a traição, são os numes do seculo em que vivemos.

E então, pois não cahi no sentimental, que me importa que todos sejam máos; seja eu bom e tenha sempre aquillo com que se compra os melões, e viverei uma vida de senador do Imperio. Vamos ao caso:

Finalmente separão-se os nossos heroes da janella.

O pai de Euphemia esfregando as mãos atravessa a sala e vai postar-se no patamar da escada a espera do seu Anastacio.

O Dr. Paulo vai sentar-se em um divan entre D. Euphemia e a nossa pianista D. Angelica.

O Dr. Paulo era desses caracteres que se podem chamar o prototypo da leviandade e do pedantismo.

Fazia espirite, gracejava com todos, porém, como acontece a todos estes sujeitos que querem ser engraçados á força, não passava as vezes de um bôbo de salão; porém a despeito de tudo, todos o respeitavão porque sua lingua cortava mais que uma navalha.

Euphemia que era triste, que por os labios revelava as dores de seu coração, com um riso que invejaria a uma moça de quinze annos, diz:

— Então doutor, o que acha do nosso sarãozinho?

— Magnifico, deslumbrante!

— Acha que sim?!...sempre o doutor está prompto para o gracejo.

— Perdoe-me V. Ex., não faço mais do que exprimir por os labios o que o coração sente e os olhos veem, permitta-me ainda que lhe diga: V. Ex. é a flôr, a rainha do baile.

Euphemia abaixando a cabeça:

— Doutor...

— E' a verdade minha senhora e eu me contaria feliz, julgar-me-hia um rei, se por ventura merecesse um sor-

riso seu, uma palavra sómente que viesse dar allivio a este coração já cansado de soffrer, porque eu lhe amo muito, muito...

— Isto é de mais; furiosa grita D. Angelica que fazia naquella occasião a figura de páu de cabelleira, não se dá maior desaforo, uma declaração, uma declaração de amor, nas minhas barbas, que atrevido, nem respeita a velhice.

D. Angelica estava horivelmente encalistrada, ella sentava-se, levantava-se, tornava a sentar-se, abanava-se com o leque, andava de um lado para outro lado da sala, esva possessa.

Os convidados que estavam dispersos por diversos lugares da casa, vierão todos chamados por os gritos de D. Angelica, e perguntavão uns aos outros se ella tinha perdido o juizo.

Aix.

(Continúa.)

Os quadros vivos.

O beneficio do Sr. Luchessi foi de um effeito expendente. E que o digão os applausos expontaneos daquella noite!

Não nos importa que Mr. Charles com a sua prestidigitação não nos mostrasse *beaucoup d'esprit*, não nos importa que o Sr. Chiobini na cavatina do *Barbeiro de Sevilha* não mostrasse voz fresca e tonos cheios de inflexão, e que sem *appogiaturas* exhibisse um papel tão bello, não nos importa isto tudo; fallemos dos quadros.

A critica censura, aparta o joio do trigo, a opala do vidro.

A *Santa Cêa*, de Leonardo Vinci, deste genio que a legenda faz morrer aos braços de Francisco I, é um *cappo d'opera*. Neste alvidramento concordão os que virão o quadro e os que têm entendimento das cópias que a gravura e a lithographia têm reproduzido; nisto pensão igualmente todos quantos sabem que Leonardo Vinci tinha um desenho correctissimo e um colorido agradável.

A exhibição da *Cêa* em quadro vivo não nos agradou. Os apostolos S. Pedro e Bartholomeu parecião em falsa postura, e no semblante do Christo não havia aquella pureza de expressão que Leonardo Vinci possuia em quilate immenso.



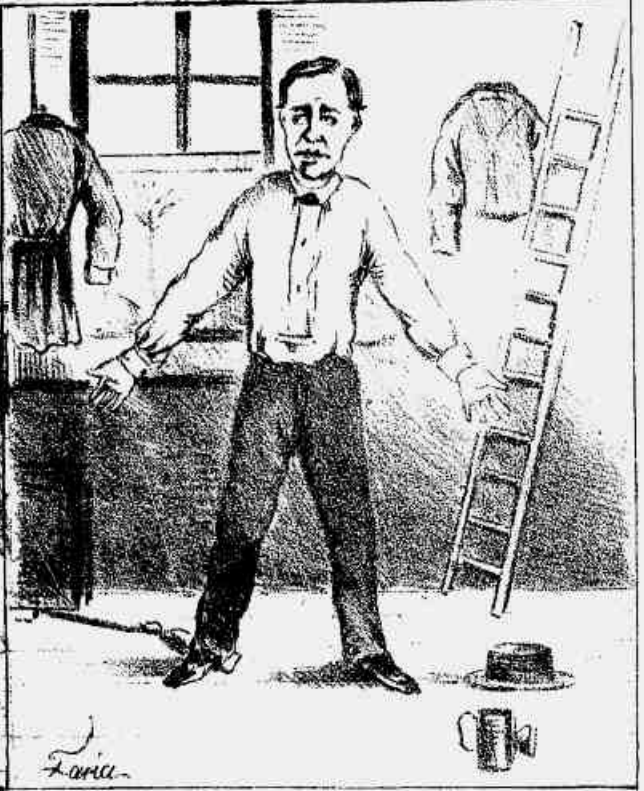
— Então choras por seres designado para o Sul.
 — E minha mulher e meus quatro filhos?
 — O governo os protegerá. E se morrerem à fome
 hade dar-lhes uma pensão, creia nisso e resigne-se.

VELHO.—Que linda menina! Para possuí-la daria
 todo o meu coração, linda menina.

PIEVRE.—O seu coração não tem valor, nem des-
 conto na praça.

VELHO.—E a minha alma?

PIEVRE.—A sua alma? de que serve a sua alma



— Dou-lhes sinceros parabens, minha senhora, pelo seu novo
 estado.
 — Como assim, doutor?
 — O senhor seu marido foi nomeado commendador e a se-
 nhora passa por commenda.
 — Commenda, doutor?
 — Quero dizer com menda... do... ra, e portanto novo estado
 social.

Apuros de um guarda nacional.

Para onde heide ir? A companhia do gaz paga-me, e portanto
 devo ser propheta; a patria, a patria, porém, manda-me que
 aquartele, ronde, recrute, e a patria não paga nada. Onde heide
 ir? Accender o gaz ou fazer guarda?

Decencias do Rio de Janeiro,



A rua de S. Jorge aos domingos.



Uma quadrilha no Club Orpheo.



Como principia a pandega



Como ella acaba.

Paulo Veronezo é um artista de imaginação fecunda, activa, magestosa, de colorido fresco, cores locais bem entendidas, roupagens verdadeiras, expressão singela. E o seu quadro a *Ressurreição* é uma magnífica pintura, onde scintilla purità de stile.

A exhibição desse quadro não agradou-nos. Não procede aqui o anexam: ha sempre quem critique. *Vé sempre chi critichi*. Não; nós outros somos imparciaes.

Rubens, com sua correccão nas figuras, bom claro-escuro e finura de gosto nas roupagens, embora o gosto do desenho tenha toque um tanto carregado, teve na noite do beneficio do Sr. Luchessi quatro quadros em scena: *Santa Veronica*, *A crucificação*, *A elevação de Nosso Senhor* e a *descida da cruz*, e todos quatro altamente interpretados; nos dous ultimos principalmente os artistas demonstrarão muito talento e larga cópia de instrução artistica.

Raphael, o pintor da expressão conveniente, estylo suave, colorido meigo, claro-escuro, linhas, tudo divino, doce e bello; Raphael, o poeta das harmonias da cor como Beethoven e Lamartine o são da palavra e do som, teve nesta noite tres quadros em scena: *Nosso Senhor na columna*, no *caminho do Golgotha* e o *ultimo suspiro*. O ultimo principalmente é de um effeito imponente.

O Sr. Luchessi, na representação deste quadro, tem sua reputação. Aquillo é tudo, arrasta, encanta e prende, seduz, electriza e abala. Em vendo-se aquella naturalidade do artista lembra-se um facto em que a humanidade teve o seu resgate espirital, e não ha ninguem que não se sinta abalado, commovido, attonito.

A representação dos quadros de Murillo, Miguel Angelo e Titon são como sempre de muita arte, muita simplicidade nos lineamentos, composuras difíceis e contornos mais ou menos exactos, grupos artisticos e pureza de expressão.

A plastica com a companhia romana deu um grande passo. Sem duvida alguma trabalhão bem aquelles artistas, comprehendem e executão melhor. O Sr. Luchessi é em seu genero um modelo de tono alcançado: vale o que vale —um thesouro, um *cappo d'opera*.

O beneficio do Sr. Luchessi terminou-se com uma canção americana em hespanhol: *Tome mate, ché, tome mate*; a sua execução coube ao Sr. San Roman, que andou com pericia e graça.

Fazemos votos para que a companhia romana dê-nos outros espectaculos. Em falta de theatros teremos obras primas; e valha-nos isto a nós que prezamos a arte como a expressão do bello, do justo e do verdadeiro, o triplice ideal que em Deus reside e no mundo se manifesta.

M. M-on.

A Exposição Nacional.

A humanidade de hoje não é a humanidade de hontem. Onde lá era braço, aqui é cabeça, disse-o Alvares de Azevedo e disse uma verdade.

Não é o torneio do paladino, não é o jogo olympico dos gregos, o divertimento dos amphitheatros romanos, que hoje revelão os sentimentos de uma sociedade.

Cahio a espada, cahio a conquista, cahio a força.

A cabeça que produz idéas manda hoje e manda com imperio.

Das calamidades de 93, em que de rojo calirão altares e direitos, deveres e considerações, nasceu o despotismo militar de Napoleão, essa tyrannia que havia de provar com a guerra que a guerra era um mal.

O nosso seculo é de idéas. O homem que da terra dirige o raio e a sua marcha, que advinha os phenomenos da natureza, que manda o pensamento correr e voar, porque a electricidade é seu escravo; o homem que na locomotiva chega a negar as leis do movimento, porque o movimento chegou a hyperbole, o homem que luta com a terra e della recolhe os thesouros, que corta o universo por terra, por mar, pelo espaço, pelos ares, o homem não precisa da espada, quebrou-a e toma a penna—sceptro immorredouro—symbolo de uma realza que não morre.

A exposição nacional é um triumpho para o homem, para o Brasil.

Alli, naquelle templo do bello, do verdadeiro, do util, uma idéa commerciou em fraternidade com vinte provincias.

Alli vinte provincias reunirão-se; acima dellas só Deus.

Bem haja a exposição! As guerras do pensamento são sanctas!

A' ellas cruzados de hoje, porque Deus o quer!

A cidade sancta de hoje é a perfectibilidade.

Luctemos como Jacob: a nossa escada mystica é a fé que une a creatura ao Creador, o homem á Deus.

Bem haja a exposição! Mostremos ao mundo que nós brasileiros tambem temos muita fé no futuro, muito futuro na congregação dos povos, muita grandeza nos annaes da humanidade.

Bem haja pois a exposição!

M. M-or.

Carta II.

Meu amigo. — Tão usual e frequente é o emprego do infinito pessoal, que podemos dizer ser indispensavel estatuir uma regra para quem tem de exprimir-se em portuguez.

Ha vinte annos retirado da cõrte, longe do foco das luzes, pretender fixar os casos do emprego desse idiotismo da lingua portugueza, tão desejado e sentido das linguas, que o não possuem, é, na verdade, de muito arrojo; mas, se somos em erro, anhelamos aprender. Eis, meu amigo, a razão pela qual iremos nestas cartas expondo as nossas convicções, respeito á lingua portugueza, e o modo pelo qual hoje os jornaes, poetas e presadores a escrevem.

Não é nossa intenção offender a pessoa alguma, quando alguns escriptos transcrevemos para analyse, pois só os tomaremos como exemplo.

Para nós é convicção que—a proposição do infinito pessoal só se emprega quando tem *claro* ou *occulto* *sujeito proprio differente do sujeito da oração por ella modificada*.

Ha contudo alguns exemplos do contrario, quando a proposição infinitiva é complemento de alguma preposição, mas isto não constitue regra invariavel, pois vem de envolta com as do pessoal, e por isso Vieira diz: Bastão os frios de Guiné para *satisfazerem* a vontade de meus amigos; porém quem ignora que melhor se expressaria Vieira se dissesse: Bastão os frios de Guiné para *satisfazer* a vontade de meus amigos?

Sabemos que os nossos classicos empenhavam-se mais em harmonisar os periodos que em guardar os preceitos da b'a logica grammatical e prova-o a incerteza do emprego da proposição do infinito pessoal com sujeito identico ao da proposição por ella modificada sem ser precedida de proposição, ou servindo de complemento objectivo, pela razão de se achar essa proposição um pouco afastada do verbo de que é complemento.

Procuraremos tambem nos classicos exemplos para confirmação da nossa regra.

Fr. Bento da Trindade, diz: Sim, sim, vós o sabeis muito bem, os *justos e fiéis Mardoqueos* por muito tempo esquecidos á sua em fim descobertos para *receber* o premio merecido de sua fidelidade.

Vemos, meu amigo, que não se acha o verbo *receber* no

infinito pessoal como fazem hoje os nossos escriptores, que certamente devião *receberem*, e, se Fr. Trindade por o verbo no infinito impessoal, foi porque o sujeito do verbo da proposição modificada é identico.

Ainda outro exemplo: Onço prometter a liberdade aos captivos de Judá; mas não vejo ainda *romper* as suas tristes cadeas.

Villa-Lobos e Vasconcellos em sua tradução da Rhetorica de Quintiliano, diz na pag. 76 edição de 1778, o seguinte: Todas estas cousas são bem capazes de *alienar* o animo do Juiz.

O padre Caldas dá-nos, meus amigos, ainda outro exemplo e é o seguinte:

*Dous famosos bebedores
Que, intentando tornar fixas
Do rosto, as vermelhas côres,
Da Champanha bellicosa,
Sã Borgonha visitarão
As adegas afamadas.*

Podia ainda, meu amigo, adduzir muitos outros exemplos, mas confirmão a nossa regra.

Ainda algumas palavras mais para por fim a esta carta. Quem ha ali conhecido em letras, meu amigo, que não veja, não sinta, não lastime a duvida no emprego do infinito pessoal?

Tomai uma qualquer folha dessas que se publicação na capital do Imperio e vereis, meu amigo a confusão reinar no emprego desse idiotismo nosso.

A que ponto chegou o nenhum cuidado do estudo da lingua patria!

Agora mostraremos como os antigos escriptores escrevião:

Gregorio de Mattos:

Os candidos inhames, se não minto,
Podem *tirar* a fome ao mais faminto.

Eusebio de Mattos:

Já vejo aos homens *clamar*
Por vossa morte, impacientes.

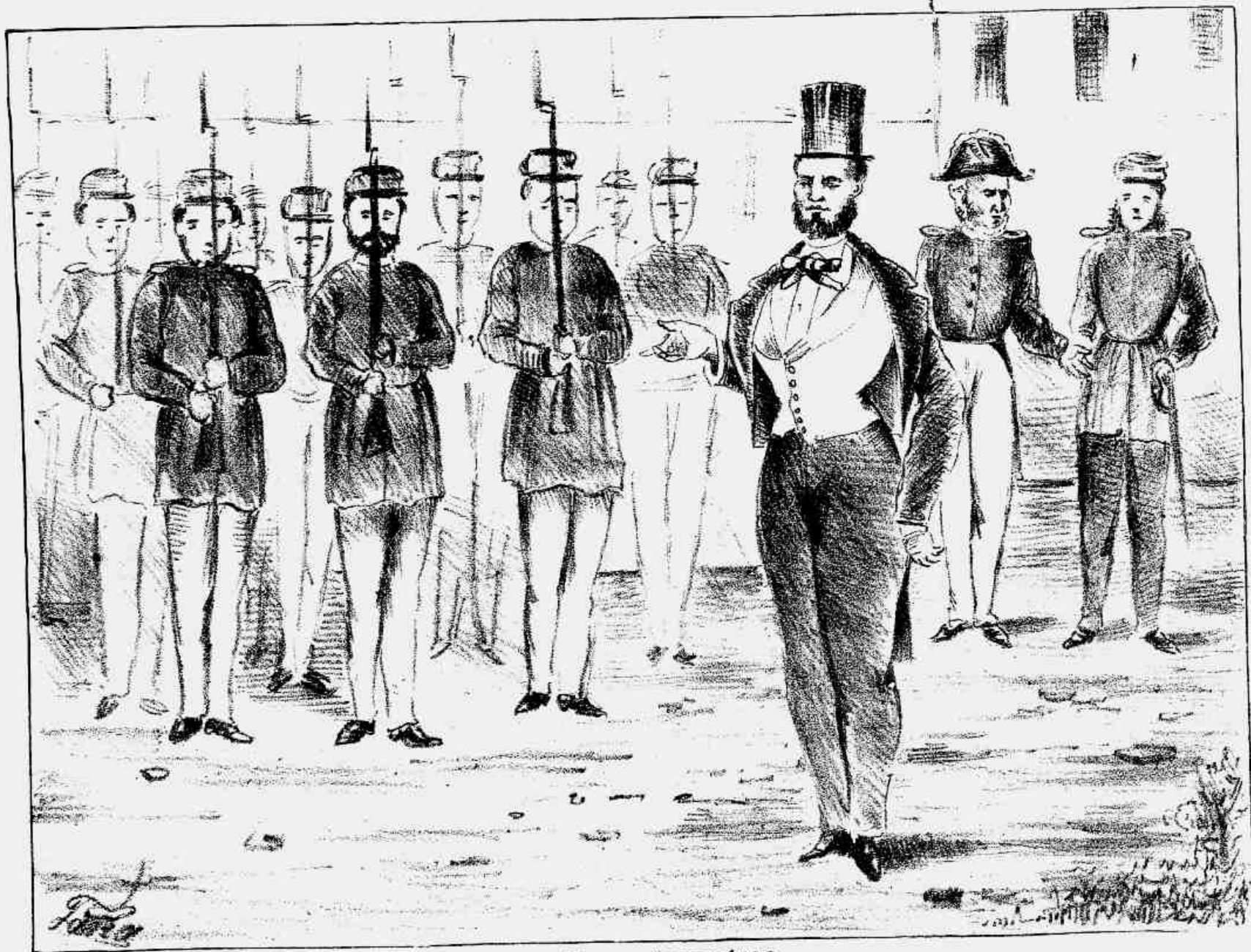
Tudo quanto temos enunciado, meu amigo, deixa claramente demonstrado que no emprego do infinito pessoal naufragarão e naufragam os melhores escriptores, e entre estes Camões, o primeiro mestre do fallar portuguez; pois disse sem logica grammatical e com aspereza para os ouvidos:

« E folgarás de *veres* a policia » em lugar de—E folgarás de *ver* a policia.

Concluiremos esta carta repetindo que — a proposição do infinito pessoal só se emprega com sujeito proprio, differente do sujeito da oração por ella modificada.

Adeus, meu amigo.

J. L. SOUZA BRAGA.



Cousa espantosa.

Um ministro em casaca passando revista a soldados militarmente fardados!!!